

A AUTONOMIA COMO DESVIO EM MANOEL BOMFIM: A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DA NAÇÃO NOS ESCRITOS DE 1905-1931

Marcela Cockell ¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

marcelacockell@hotmail.com

RESUMO

Manoel Bomfim (1868-1932) foi um intelectual engajado, sergipano, médico por formação, atuou na política, jornalismo e como escritor, se dedicando essencialmente à educação. Foi um intérprete das transformações urbanas, sociais, políticas e educacionais na Capital Federal que se desenvolveram a partir início do século XX, no contexto da Primeira República (1889-1930). Perpassou a *Belle Époque* tropical (1889-1914), conforme Needell (1993), movimento em que os ideais de modernidade e progresso emergiam como um modo de pensar uma nação civilizada e democrática. Suas críticas em torno dos atenuantes problemas sociais e educacionais existentes no Brasil também se voltaram para a América Latina, especialmente a partir de sua obra *A América Latina: males de origem* (1905). Neste trabalho consideramos a ação e produção de Bomfim em torno da temática da educação destacando sua sociabilidade (Sirinelli, 2003) e concepções a partir de um contradiscurso (Foucault, 2002), em que justifica que o atraso brasileiro não seria uma questão de raça, mestiçagem e condição climática, mas de educação. Este posicionamento contracorrente foi inaugurado pela sua obra *A América Latina: males de origem* (1905), escrita na França em viagem numa comissão pedagógica para estudos de psicologia experimental que marca também um modo de observar o Brasil e a América Latina pelas suas identidades e culturas. Pretendemos refletir sobre a linha de pensamento de Manoel Bomfim, na perspectiva da história da educação, a partir de sua produção de 1905 até 1931 traçando no conjunto de suas questões, a educação como ciência, teórica e prática, especialmente centralizada na criança e a formação da nação. Bomfim (1905) buscava a “cura” para os “males” brasileiros pelo viés da educação e na valorização da identidade nacional a partir da ideia da independência visando o progresso, questões que constituem seu um projeto discursivo que articulou a sua circulação em diferentes espaços e o seu trânsito em contextos históricos. O recorte proposto é referente à obra *A América Latina: males de origem* (1905), que marca seu pensamento contracorrente e a sua última obra, *Cultura e educação do povo brasileiro* (1931). Bomfim refletiu em sua produção escrita avanços em relações às concepções educacionais, como o caráter formativo do professorado e estudos de psicologia e pedagogia, além da higiene e moral da criança, num diálogo com as concepções escolanovistas. A partir da sua teoria do parasitismo social buscou compreender aspectos da desigualdade brasileira pelo viés da tradição e cultura refletindo sobre a interdependência, mas também de autonomia um movimento pertencente em ambas as facetas, de autor/ator e pertença intelectual.

Palavras-chave: Manoel Bomfim. intelectual. história da educação.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PROPED). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)-Código de financiamento 001.

A educação como representação do progresso e a autonomia como crítica

Manoel Bomfim (1868-1932) foi um intelectual brasileiro marcado pelo engajamento em diferentes campos (na medicina, magistério, jornalismo e política) e pela sua interpretação do Brasil no cenário histórico da Primeira República (1889-1930), perpassando pela *Belle Époque tropical* (1889-1930) – na capital. Podemos defini-lo como um intelectual engajado² e observador atento e crítico de sua contemporaneidade a partir início do século XX. No âmbito da educação foi professor e diretor do *Pedagogium*³ (1896-1919) e Escola Normal do Rio de Janeiro diretor da Instrução Pública do Distrito Federal e diretor interino da Escola Normal do Rio de Janeiro, lecionando moral e cívica (de 1897 até 1902), pedagogia e psicologia. Atuou como deputado federal pelo Estado de Sergipe (1907-1908) e foi membro da Liga Brasileira de Saúde Mental (1924) e Associação Brasileira de Educação (1924). Dedicou grande parte de sua atuação e preocupação no debate questões educacionais brasileiras correntes especialmente num momento de estruturação econômica, política e social demarcado pela Primeira República (1889-1930) e pela *Belle Époque* 1898-1914⁴).

Em relação a sua bibliografia, publicou diversas obras, dentre estudos literários, históricos e manuais pedagógicos, como: *A América Latina: males de origem* (1905), *Através do Brasil*⁵ (1910), *Lições de pedagogia: teoria e prática de educação* (1915), *Noções de psicologia* (1916), *Primeiras Saudades* (1920), *Pensar e dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923), *O método dos testes: com aplicações à linguagem do ensino primário* (1926), *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), *O Brasil na história* (1930), *O Brasil nação* (1931), *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932). E os discursos *O Progresso pela instrução* e *O respeito à criança* (1906). Em seus escritos notamos sua preocupação com a instrução primária, a criança, a higiene, a pedagogia e a psicologia como ciência. Para Bomfim a educação era o único caminho para a o progresso da nação e para se constituir uma identidade nacional.

²Conforme a definição de Sartre (1994): como uma figura que intervém criticamente na esfera pública trazendo consigo o seu conteúdo intelectual em diferentes áreas, sua autonomia de opinião e sua visão da atualidade.

³Criado em 16 de agosto de 1890 por Benjamin Constant (1836-1891), o *Pedagogium* tinha a função de coordenar as atividades pedagógicas e de ser um centro para o ensino público. Atuou na instituição de 1896 a 1919 quando a instituição foi extinta pelo prefeito Paulo de Frontin. Foi responsável pelo *Laboratório de Psicologia Experimental* que se tornou o livro *Pensar e Dizer* (1923), pioneiro, inclusive, nos estudos relacionados a linguagem e psiquismo. Ver Mignot (2013).

⁴ Consideramos o recorte de Needell (1993), que denominou *Belle Époque tropical*, que tem como foco o Rio de Janeiro, então Capital Federal.

⁵ Em coautoria com Olavo Bilac

Seu olhar perpassa a Primeira República (1889-1930) e especialmente a *Belle Époque* (1898-1914), assim como todo o ideário de modernidade e civilidade na Capital Federal. As modificações urbanas foram apenas o ponto de partida para evidenciar mudanças sociais, políticas e econômicas inspiradas, a seu modo, no modelo francês. Os espaços transformados pela urbanização da cidade demarcavam aqueles pertencentes às elites, aos menos favorecidos, às crianças e aos intelectuais. Bomfim é um representante da intelectualidade brasileira, transita nestes espaços e, conseqüentemente, traça redes de sociabilidade. As redes de sociabilidade, conforme Sirinelli (2003) consiste na figura do intelectual como um ator/autor que circula, cria e observa os espaços como um espectador das nuances sociais, e com seu trânsito de corpo e alma se movimenta e aciona outros autores/atores e leitores e demonstra o seu engajamento com a sociedade.

Podemos dizer que Manoel Bomfim marcava em seus escritos seus posicionamentos e admitia uma representatividade no campo da educação a partir de suas pertenças e circulação em instituições e pelas redes de sociabilidade que compunham a circulação desses intelectuais tanto no espaço urbano da cidade que se modelava para República e seus ideais modernos, quanto no espaço social constituído pelo campo de atuação. Contudo, o elemento contracorrente do autor é estabelecido especialmente pelas questões levantadas na obra *A América Latina: males de origem* (1905), em que apresentou a teoria do parasitismo social. Para Bomfim, o Brasil e os demais países latino-americanos sofriam um parasitismo social⁶, suas interpretações teóricas indagavam as concepções racistas dominantes, a singularidade do Brasil em face às outras nações latino-americanas, a colonização ibérica, a deturpação das tradições nacionais, a análise da formação da nacionalidade brasileira e reflexões acerca da importância da educação para a “cura” do que denominou os “males de origem”. Essa ideia era o contraponto da teoria hegemônica do branqueamento das raças, que justificava que a razão para o atraso brasileiro em relação às nações europeias era a mestiçagem.

O contradiscurso que consideramos em Manoel Bomfim é estabelecido a partir da perspectiva de Foucault (2002), como um contraponto a determinado discurso determinado, atuando como um desvio do caminho pré-estabelecido possibilitando que elementos de resistência ou transgressão se apresentem como escolhas para um ponto de vista. É válido ressaltar que o contradiscurso não se define como uma voz dissonante, e até certo ponto libertária. Não está em sua concepção um rompimento, mas uma interrogação que admite uma posição contrária (a partir de uma já existente), e por isso admitir um desvio, uma opção de pensamento pela autonomia. Ao criticar a teoria das raças Manoel Bomfim se opôs a um

⁶ Consiste na lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo europeu, combinada com a dominação interna imposta pelas elites, causando males aos povos latino-americanos.

discurso científico aceito e tido como não passível de questionamento, isso torna a sua teoria do parasitismo social o ato inaugural do seu contradiscurso e a opção de seguir suas concepções permitiu a desconstrução de um ideário intelectual em concordância, demonstrando que todo campo social é um campo de poder e de possibilidades (Velho, 1997).

No contexto da Primeira República (1889-1930), Manoel Bomfim transitava na capital federal por um cenário de renovação e modernização daquilo que deveria se configurar numa nação. Contudo em meio à urbanização crescente, observava atento não só aos problemas políticos e econômicos, mas no âmbito da educação, os problemas de analfabetismo e instrução primária. Sendo assim a ideia de progresso se vinculava a estes movimentos, que para o autor só seria possível a partir da educação:

O progresso é uma conquista de iniciativas audazes, e não pode haver iniciativas entre inteligências apagadas, afogadas em credices e estupidez. Compreendeis muito bem que não me refiro, apenas, a esse progresso enunciado em cifrões, e calculando as toneladas e aos quilômetros. O verdadeiro progresso é alguma coisa de superior, e exprime-se pelo domínio crescente da razão e da justiça. As obras imperecíveis, que impõe os povos e os indivíduos ao respeito geral são as que menos falam de cifras e de metros. Toda a história do progresso social está escrita na evolução do pensamento humano; e este progresso começou quando o homem começou a saber e a prever, a prever e a adaptar-se ativamente à vida e à natureza (BOMFIM, 1904, p. 16).

O espaço urbano se torna relevante à intelectualidade brasileira na virada do século XIX para o século XX, especialmente no âmbito da circulação social e das redes de sociabilidade (Sirinelli, 2003). A circulação de intelectuais na cidade, nos cafés, nos jornais, nas livrarias, nas instituições, por exemplo, favorecia a efervescência de sujeitos que se preocupavam em descrever aspectos culturais intensificados com a atmosfera de modernidade tropical, uma *Belle Époque* particularmente brasileira, que se constituía com seus próprios traços. Além disso, havia ainda uma preocupação dos intelectuais em interpretar a nação, ou ainda, a iniciativa em definir concepções de identidade nacional, agora republicana, e por isso se fazia necessária estabelecer uma identidade nacional marcados por símbolos sejam arquitetônicos, sejam literários que marcasse esse ritual de passagem e pudessem almejar o progresso e civilidade (mesmo que a ideia de civilidade ainda se espelhasse numa eurocêntrica).

Em relação a Manoel Bomfim, podemos considerar que a ideia de uma nação civilizada e progressista se configurava a partir da educação, desde da preocupação do Estado com o aparato escolar, a formação do magistério, a instrução primária e a responsabilidade do seu papel em idealizar, legitimar e fomentar ações. Para Bomfim, a educação era o único meio possível de alcançar o progresso e de fato se idealizar uma nação. Através dela seria possível

legitimar a democracia, o pilar dos ideais republicanos e que se tornavam cada vez menos próximos à realidade que se mostrava.

Podemos identificar algumas reflexões que se tornariam marcantes nas discussões e debates de Bomfim acerca da educação. Consideramos como eixos argumentativos, isto é, temáticas que perpassam a suas obras e admitem uma marca do seu pensamento, e de certo modo também se refletem em suas ações, tomadas de posição e pertenças. Primeiramente, o seu contradiscurso em torno da raça e mestiçagem, em que aborda a sua teoria de parasitismo social e estende seu debate para uma análise não apenas das questões brasileiras, mas latino-americanas trazendo discussões importantes em torno da referência, até aquele momento, eurocêntrica na maioria das concepções admitidas pela intelectualidade.

Em segundo lugar, a sua discussão em torno do progresso, civilidade e modernidade que para Bomfim não estava apenas relacionada com o espaço urbano, mas possuía um caráter mais estrutural, seguindo a metáfora biológica do autor, quase patológica em que somente a educação poderia ser a “cura para os males brasileiros” (*A América Latina: males de origem* (1905). E por fim, a importância da identidade nacional, especialmente no âmbito da educação, como uma forma de entender a tradição e a cultura, especialmente considerando a importância do ensino primário.

Destacamos ainda a sua representação do ideário de formação da identidade nacional a partir das questões envolvendo a educação da criança, a partir do debate em torno da higiene, da pedagogia e psicologia em escritos que revelam estas questões, são eles: *Através do Brasil* (1910); *Lições de pedagogia: teoria e prática de educação* (1915); *Noções de psicologia* (1916); *Primeiras Saudades* (1920); *Pensar e dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923) e *O método dos testes: com aplicações à linguagem do ensino primário* (1928). Estas produções se apresentam como livros de leitura e manuais pedagógicos que objetivavam não apenas a literatura de formação ou cívico pedagógica, mas também evidenciava no pensamento do autor a sua preocupação em torno da formação da nação pela educação, especialmente pela criança.

Vale ressaltar que Manoel Bomfim publicou diversas obras⁷, dentre estudos literários, históricos e manuais pedagógicos, como, destacamos: *A América Latina: males de origem* (1905), *Através do Brasil*⁸ (1910), *Lições de pedagogia* (1915), *Noções de psicologia* (1916), *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na história* (1930), *O Brasil nação* (1931) e *Cultura e educação do povo brasileiro* (1931). Além dos discursos *O Progresso pela instrução* (1904) e

⁷ Ver Aguiar (2000).

⁸ Em coautoria com Olavo Bilac.

O respeito à criança (1906) e artigos para jornais⁹. Notamos sua preocupação com a instrução primária, a criança, a higiene, a pedagogia e a psicologia como ciência.

O contexto histórico de Manoel Bomfim durante sua escrita de 1905 até 1932 e perpassou as expectativas em torno da Primeira República (1889-1930), sobretudo o cenário de modernização da *Belle Époque* (1898-1914), e observou, ainda, um momento especialmente particular em relação à educação na Capital Federal, de 1920 até 1930. Um momento de efervescência que, segundo Câmara (2013), emergiam ideias reformistas que concebiam discussões que antecederam, mas sinalizavam a produção e a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova:

Durante as décadas de 1920 e 30, a intelligentsia brasileira, particularmente, os intelectuais educadores objetivaram formular novas concepções e estratégias de organização da cultura e da educação, tendo como epicentro de suas intenções a questão da modernização econômica e cultural do país. Para isto, buscaram justificar seus projetos a partir da construção de um discurso científico, identificado com o planejamento e a produção sistematizada de diagnósticos sobre a realidade social brasileira, eivada de grandes mazelas nacionais, associadas ao analfabetismo e a doença, estigmas do “atraso” brasileiro a ser superado. (CAMARA, 2003, p. 31)

Desse modo, podemos acompanhar a preocupação, inclusive de intelectuais, em articular um Estado-Nação que sustentasse os ideais de civilidade e progresso que as necessidades econômicas e políticas necessitavam naquele momento. A produção Bomfim variava entre manuais de formação pedagógicos para professores, livros de leitura (ou de formação) e livros históricos. Todas as produções tinham em comum a discussão e a preocupação com a educação, seja em caráter metodológico, seja histórico e a valorização de uma identidade nacional. Bomfim se preocupava com questões que iam além da relação de progresso e moderno apenas pela urbanização, mas numa relação nação/civilidade/progresso, em que a educação seria o ponto em comum.

Considerações iniciais

Para Manoel Bomfim, o progresso só poderia de fato ser viável com a educação, especialmente a educação popular, a partir dela seria possível transformar o povo brasileiro em nação e conquistar, de fato, a sua liberdade e democracia. Segundo Bomfim, um povo livre é aquele que tem consciência de sua ação social, de cidadania e para isto, a educação é fundamental. Podemos dizer que o teor de sua coletânea, em outras produções, mantém este

⁹ Dentre eles, especialmente no *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *A Noite*, *A Notícia* e *Correio da Manhã*.

discurso, e ainda evidencia seu contradiscurso, ao considerar as origens do atraso brasileiro ou os seus “males” uma questão de educação, contrariando o discurso corrente que se justificava a partir das teorias de mestiçagem, raça e clima, abordado na obra *A América Latina: males de origem* (1905). Por isso, denominamos contradiscurso, na perspectiva do deslocamento, da contracorrente.

Considerou que o Brasil e os demais países latino-americanos sofriam um parasitismo social¹⁰, suas interpretações teóricas indagavam as concepções racistas dominantes, a singularidade do Brasil em face às outras nações latino-americanas, a colonização ibérica, a deturpação das tradições nacionais, a análise da formação da nacionalidade brasileira e reflexões acerca da importância da educação para a “cura” do que denominou os “males de origem”

Desse modo, é possível interpretarmos a sua ideia de educação, fazendo do seu texto uma representação simbólica daquilo que refletia e o mobilizava em seu contexto histórico. Podemos dizer que consideramos o seu pensamento uma representação de conceitos do campo das ideias e do campo da ação determinando escolhas e movimentos que operam num determinado espaço e tempo histórico a fim de produzir conhecimento a serviço da expressão social, mas também como consciência individual e coletiva.

Para Bomfim, o progresso só poderia de fato ser viável com a educação, a partir dela seria possível transformar o povo brasileiro em nação e conquistar, de fato, a sua liberdade e democracia. Segundo o autor, um povo livre é aquele que tem consciência de sua ação social, de cidadania e para isto, a educação é fundamental. É interessante observarmos que o autor considerava a criança um elemento relevante para a ideia de construção da nação. Bomfim se dedicou nestas produções aos estudos pedagógicos e psicológicos tanto nos romances de formação e nos livros de leitura, que tinham como objetivo o caráter prático. A partir da produção de Manoel Bomfim, é possível interpretarmos a sua ideia de educação e formação da nação, a partir de uma representação simbólica daquilo que refletia e o mobilizava em seu contexto histórico.

¹⁰ Consiste na lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo europeu, combinada com a dominação interna imposta pelas elites, causando males aos povos latino-americanos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BOMFIM, Manoel. *O Progresso pela Instrução*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904.
- BOMFIM, Manoel. *O progresso pela instrução*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904.
- _____. *A América Latina: males de origem*. Parasitismo Social e evolução. Rio de Janeiro: 1905.
- _____. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topobooks, 2005.
- _____. *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.
- _____. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- _____. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Rercord, 1998.
- _____. *O Brasil na História: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- _____. *Cultura e Educação do povo brasileiro: pela difusão da instrução primária*. 1932.
- _____. *Lições de pedagogia: teoria e prática da educação*. Rio de Janeiro, 1915.
- _____. *Lições de pedagogia: teoria e prática da educação*. Rio de Janeiro, 1920.
- _____. *Noções de psicologia*. 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917.
- _____. *Uma carta a propósito da crítica do sr. Sylvio Romero ao livro América Latina*. In: Os Annaes. Rio de Janeiro, ano II. n. 74, 1906.
- _____. *Pensar e Dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem (1923)*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- BURKE, Peter. Cultura, tradição, educação. In: GATTI JÚNIOR, Décio; PINTASSILGO, Joaquim (Orgs). *Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- CAMARA, Sônia. “Progredir ou desaparecer”: o Manifesto dos Pioneiros da educação Nova de 1932 como itinerário para a construção do Brasil moderno. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G. (Orgs). *A organização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

- _____. **A Reforma Fernando de Azevedo e as Colmeias Laboriosas no Distrito Federal de 1927 a 1930.** In: MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). *Reformas educacionais: as manifestações da Escola no Brasil (1920 e 1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011
- CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COCKELL, Marcela. _____. **Manoel Bomfim: um intelectual polêmico e engajado na Belle Époque tropical (1898-1914).** Dissertação de mestrado em Educação. 2011. 131 f. Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2011.
- FOUCAULT Foucault, M. **As palavras e as coisas**, 2002, p. 60.
- GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim, pensador da história na Primeira República.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 23, n. 45, jul, 2003.
- _____. **Manoel Bomfim.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco Coleção, 2010.
- MIGNOT, ANA CHRYSTINA VENANCIO (Org). **Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana.** Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais.** São Paulo: Ática, 1994.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- _____. **Jean-Paul Sartre, um intelectual engajado.** In. NOVAES, ADAUTO. O silêncio dos intelectuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.** 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.